

MEDIADORES CULTURAIS NA HISTÓRIA CULTURAL: O QUE APRENDEMOS AO ESTUDARMOS AS COMPLEXAS ATIVIDADES DE TRANSFERÊNCIA DOS MEDIADORES NA BÉLGICA DO PERÍODO ENTREGUERRAS?¹

Reine Meylaerts²
Maud Gonne³
Tessa Lobbes⁴
Diana Sanz Roig⁵

Recebido em 15/06/2017. Aprovado em 16/07/2017.

Resumo: Este artigo enfoca os mediadores culturais do período entre guerras na Bélgica de um ponto de vista plural, tanto metodológico quanto disciplinar, levando em consideração suas atividades e papéis plurais e as várias maneiras pelas quais essas atividades e papéis interagem e se influenciam. Para traçar uma história cultural transnacional que complete a pesquisa sobre histórias nacionais e locais é necessário estar ciente de que os caminhos da história cultural não são nem lineares nem unidirecionais. A pesquisa sobre mediadores culturais tem o potencial de oferecer uma visão sobre o (evolução) impacto das transferências culturais na vida cultural ('nacional' multilinguística), na rica constelação da mediação cultural (dos mediadores bilíngues até os monolíngues) e na relação entre transferências artísticas (frequentemente mais bem sucedidas) e transferências literárias (menos eficazes), que podem ser estendidas para a pesquisa em outros contextos multilinguais. Mediadores culturais destacam os laços e ajudam a superar a ideia simplista de culturas que fornecem e culturas que consomem. A ênfase nas relações, interações e circulações vai além da análise dos contatos efetivos incluindo também as consequências, a saber, como as práticas adquirem novos sentidos no processo de transferência. Essa abordagem relacional ajuda na aproximação e distanciamento dos grupos de agentes e das

¹ Este trabalho foi originalmente publicado no livro *Doing Double Dutch: The International Circulation of Literature From the Low Countries*, organizado por Elke Brems, Orsolya Réthelyi e Ton Van Kalmthout (Leuven University Press, 2017).

Tradução para o português: Luana Castelo Branco e Zelina Beato.

² Professora de literatura comparada e Estudos da Tradução na Universidade Católica de Leuven. Foi diretora do CETRA (Centre for Translation Studies) de 2006-2014 do qual permanece membro do colegiado.

³ Realizou seu pós-doutorado nas universidades Namur e Louvain-La-Neuve (Bélgica). Defendeu sua tese de doutorado na KU Leuven em Setembro de 2015.

⁴ Historiadora cultural, conduziu a pesquisa desse estudo durante um pós-doutorado no projeto HERA Cultural Exchange in a Time of Global Conflict: Colonials, Neutrals and Belligents during the First World War.

⁵ Pesquisadora senior da Universidade Aberta da Catalúnia e professora visitante na Oxford Internet Institute (OII). Atualmente é coordenadora do projeto de pesquisa "Mapping Hispanic Modernity: Cross-cultural Networks and Cultural Mediators (1908- 1939)".

partes interessadas, focando nas interações entre pequenas regiões literárias ou tradutórias em relação à sua contraparte.

Palavras-chave: Tradutores. Mediadores culturais. Interações culturais. Contextos multilinguais.

A história cultural é cheia de surpresas. Tomemos um exemplo do campo literário. Georges Eekhoud (1854-1927) era, até agora, conhecido apenas como um famoso romancista belga francófono, bem sucedido também em Paris, com romances como *Escal-Vigor*, *Kees Doorik*, *La Nouvelle Carthage*⁶. Pesquisas recentes sobre Georges Eekhoud como um mediador cultural⁷ mostram como essa produção literária canonizada não pode ser entendida sem que se leve em conta suas atividades mediadoras complexas como tradutor, autotradutor, e crítico bilíngue, que traduzia, autotraduzia, resumia, e até mesmo plagiava partes de seus populares romances em série em holandês e francês na sua produção literária erudita oficial. Portanto, se, quisermos chegar a uma compreensão pormenorizada e perspicaz da história cultural, precisamos estudar não apenas os produtos literários ou artísticos canonizados dos atores culturais, mas também a gama de atividades de intercâmbio e de transferência subjacentes a esses produtos. Em outras palavras, precisamos estudar a transferência cultural. Isso não é novo em si mesmo. O que talvez seja novo é que a transferência cultural pode ser melhor estudada tomando as pessoas que encarnam essa transferência como ponto de partida (D'HULST et al, 2014). Isto é, em outras palavras, um apelo ao estudo de mediadores culturais como figuras-chave na história literária e cultural. O presente artigo tem como objetivo oferecer uma compreensão conceitual e metodológica mais profunda da figura do mediador cultural, definido como um ator cultural ativo através de fronteiras linguísticas, culturais e geográficas, ocupando posições estratégicas dentro de grandes redes e portador de transferência cultural. Ao lado do foco mais tradicional na fronteira linguística e na fronteira geográfica (principalmente nacional) em que os mediadores culturais estão envolvidos, essa definição quer, fundamentalmente, sublinhar a necessidade de um enfoque analítico mais desenvolvido

⁶ Ver C. Berg, P. Halen, Ch. Angelet (2000).

⁷ Ver R. Meylaerts, M. Gonne (2014); M. Gonne (2015a, 2015b).

sobre o *processo* de transferência, sobre a *sobreposição* de papéis de atores, e sobre a *transgressão* dos campos culturais.

Começaremos com uma visão geral atual do estudo dos mediadores culturais, incluindo os problemas e armadilhas de várias abordagens, e então apresentaremos um modelo mais abrangente para o estudo de mediadores culturais e para a compreensão do seu papel constitutivo na transferência e na história cultural. As ilustrações serão baseadas em alguns exemplos específicos de atividades complexas de transferência de mediadores culturais na Bélgica no período entre guerras, sendo o caso belga um exemplo paradigmático da importância da mediação para estados relativamente jovens, multilíngues e multiculturais. Como apontado por Leerssen, a Bélgica deve ser vista "como um caso de teste altamente apropriado para o estudo de interações transculturais complexas, onde as audiências são múltiplas e mutáveis e onde as mediações e a 'corretagem' são mais obviamente necessárias do que em outro lugar" (LEERSSEN, 2014, p. 1395).

1 Estado da arte

Os estudos literários têm se concentrado principalmente nos textos literários, negligenciando os aspectos materiais da circulação literária que podem esclarecer os fatores específicos envolvidos na seleção e recepção de literaturas globalmente disseminadas. Nesse sentido, como apontou James English (2010, p. viii), a nova história do livro ajudou a "democratizar o circuito central da sociabilidade literária, restaurando nós vitais nos processos de produção literária, para além do clube exclusivo de autores, textos e leitores" e abriu espaço para figuras negligenciadas na produção e circulação de textos, como editores, editoras ou livreiros. Ainda assim, a autoria continua a ser fundamental para os estudos literários. Por outro lado, apesar da atenção crescente à função de certos atores ou instituições dentro das redes literárias internacionais (DOZO, 2010; VERBRUGGEN, 2009), pouca pesquisa tem sido feita sobre os papéis fundamentais dos mediadores *multifacetados* e *interdisciplinares* nas redes transfronteiriças e interartísticas ou sobre os vários papéis desempenhados simultaneamente por atores supostamente secundários. A pesquisa sobre mediadores culturais costuma assumir a forma de estudos de caso sobre atores individuais em seus contextos literários nacionais ou locais monolíngues

particulares, mas raramente concentra-se em suas relações multilíngues intranacionais ou transnacionais nem em sua participação em múltiplos campos culturais.

Dentre as disciplinas que tratam da interação intercultural, os Estudos de Tradução e os Estudos de Transferência Cultural destacam-se como campos jovens, mas influentes. Eles testemunharam na última década uma crescente atenção ao papel dos agentes sociais e culturais envolvidos no processo de interação intercultural.

Nos Estudos de Tradução, o enfoque (ainda que bastante geral) sobre o tradutor como mediador entre culturas tornou-se popular já nos anos 80, quando a chamada virada cultural colocou ênfase no contexto cultural dos textos traduzidos mais do que na equivalência linguística entre a fonte e o texto de destino (KATAN, 2013, p. 84). No entanto, este enfoque não implicava qualquer conceituação em termos de papéis plurais e sobrepostos de transferência: os mediadores foram reduzidos ao seu status de tradutores (literários) e este último permaneceu predominantemente utilizado.

A expressão "mediador *cultural*" foi introduzida pela primeira vez em 1981 por Taft (1981, p. 53), referindo-se a uma "pessoa que facilita a comunicação, compreensão e ação entre pessoas ou grupos que diferem em relação à língua e à cultura". Hoje em dia, e mais especificamente em resposta ao aumento da globalização e da imigração, o conceito de "mediador *intercultural*" refere-se a pessoas (às vezes ainda não treinadas) que trabalham em campos de refugiados, hospitais, delegacias etc., que traduzem, interpretam e fazem o possível para reduzir as barreiras linguísticas, culturais e institucionais em favor do cliente" (KATAN, 2013, p. 90). Ao contrário dos tradicionais tradutores e intérpretes profissionais, eles não estão vinculados à equivalência de texto, sofrem de baixo status e incerteza. Embora esta definição tenha pouca ligação com a transferência literária e cultural, ela aponta para uma certa pluralidade de papéis e situações que afirmamos ser necessária ao estudar mediadores culturais e seu papel em processos complexos de transferência.

Um dos subcampos mais bem sucedidos em Estudos de Tradução, os Estudos de Tradução Descritiva, tem por muito tempo focado principalmente em textos e outros tipos de produtos discursivos (TOURY, 2012; EVEN-ZOHAR, 2005) como uma forma privilegiada de analisar a transferência cultural e entender a história cultural. No entanto,

ao se concentrar no estudo de várias normas variáveis como o “epítome” de uma abordagem orientada para o alvo, o modelo de Estudo de Tradução Descritiva de Toury privilegiou esquemas e estruturas coletivas ao invés de atores individuais. Mostrou-se adequado à pesquisa de textos e sua inserção discursiva em um contexto sociocultural e político mais amplo (MEYLAERTS, 2008, p. 91).

Definitivamente, essa abordagem tem dado *insights* valiosos, entre outras contribuições para a história literária belga.⁸ Contudo, esses resultados não devem nos deixar cegos para as armadilhas de tal abordagem discursiva como “uma forma de racionalização que mina o papel ativo daqueles que estão envolvidos no processo. Isso [...] mina, deixando, portanto, inexplicáveis, as negociações, as lutas, as tensões” (BUZELIN, 2005, p. 206) que acompanham todos os processos de tradução possíveis. Essas negociações, lutas e tensões são encarnadas pelos tradutores, em primeiro lugar, mas também pelos editores, críticos, negociantes de arte, organizadores de exposições etc. envolvidos na interação intercultural.

Há mais de duas décadas, os Estudos de Tradução cada vez mais testemunham um foco no tradutor literário, como resultado de um crescente interesse em abordagens sociológicas⁹ (principalmente bourdieusianas)¹⁰. Muitos estudos têm sido dedicados ao papel dos tradutores na divulgação de formas literárias, gêneros, ideias etc.¹¹, mas eles, entretanto, não levam em consideração a natureza versátil e a sobreposição de papéis de agenciamento que caracterizam crucialmente os mediadores, como os entendemos aqui. Recentes apelos para abordagens orientadas pelos processos em Estudos de Tradução (SELA-SHEFFY, 2000; CHESTERMAN, 2006) abriram novas perspectivas ao centrarem-se na produção de redes e levando em conta a natureza coletiva (colaborativa e conflituosa) de projetos de tradução (BUZELIN; FOLARON, 2007). Essas abordagens insistem nas várias agências por trás de um projeto de tradução, mas ainda negligenciam os objetos de transferência.

⁸ Ver E. Brems (2010); T. Van Kalmthout, Réthelyi, O., Sleiderink, R. (2013) e L. Van Doorslaer (2010).

⁹ Ver D. Simeoni (1998); J.-M. Gouanvic (2005); M. Wolf e A. Fukkari (2007).

¹⁰ Embora Bourdieu não tenha dedicado um único volume à tradução dentro de sua impressionante lista de publicações, seus conceitos de campo, habitus, capital e *illusio* são muito relevantes para os Estudos de Tradução. Para uma visão geral, M. Inghilleri, *Bourdieu and the sociology of translation and interpreting, Special issue of The Translator* 11 : 2 (2005).

¹¹ Ver G. Vorderobermeier (2014); C.V. Angelelli (2012) e Y. Chung (2009).

Portanto, para compreender os processos de transferência cultural e seu papel na história cultural, precisamos de uma categoria muito mais flexível do que a conceituada pelos Estudos Literários e de Tradução. Um foco demasiado forte na suposta especificidade de um mediador cultural como um único tradutor é insustentável tanto do ponto de vista analítico como histórico. Não faz muito sentido separar as atividades dos agentes nos moldes acadêmicos ou disciplinares, principalmente por duas razões. Primeiro, vários papéis podem ser encampados pelos mesmos agentes e, segundo, a interdependência dessas funções pode mudar suas propriedades mútuas (D'HULST et al, 2014).

Vários estudos já apontaram, de fato, que os tradutores bem-sucedidos em geral combinavam papéis diferentes. Marc Gouanvic (2005), por exemplo, mostrou como Boris Vian conseguiu introduzir a ficção científica americana na França porque participou de encontros de amadores da ficção científica na França, porque publicou críticas da literatura de ficção científica e fragmentos de suas traduções em vários periódicos franceses. Em seu estudo sobre a poeta e tradutora holandesa Martha Muusses, Petra Broomans (2006) afirmou que, se os tradutores quiserem mediar com sucesso, devem combinar várias funções. Ela observou como mediadores culturais, a quem ela curiosamente também chamou de missionários, são muitas vezes simultaneamente ativos como críticos, editores, bibliotecários, autores, historiadores literários ou estudiosos da literatura. Ainda assim, todos esses papéis permanecem confinados ao campo da literatura.

Ao lado de Estudos Literários e de Tradução, mencionamos os Estudos de Transferência Cultural como outra disciplina que trata principalmente da interação intercultural. Os Estudos de Transferência Cultural examinam os intercâmbios literários, musicais e artísticos, dando grande atenção à relação entre encontros culturais e construção de identidades culturais. As práticas de transferência são analisadas em estreita relação com o seu contexto histórico e com as diferentes redes pelos quais os objetos ou ideias são transferidos. Sob a influência da antropologia, da micro-história e da *Alltagsgeschichte*¹², os Estudos de Transferência Cultural focam menos em produtos discursivos e mais na realidade e materialidade de práticas e indivíduos mediadores. Esses indivíduos são precisamente definidos como mediadores culturais, ou seja, os portadores de transferências

¹² N.das T. *história quotidiana*.

culturais cujas práticas de mediação institucionais e por vezes discursivas são estudadas: seu papel nas redes transnacionais e transregionais (casas de arte, sociedades, academias, editoras, periódicos, salões etc.) na transferência de produtos culturais para outra cultura.¹³ Os Estudos de Transferência Cultural salientam, além disso, a fusão e a reciprocidade entre as diversas atividades de transferência assumidas por um mediador cultural: por exemplo, sendo pintor, crítico literário, negociante de arte, escritor multilíngüe e tradutor. Ainda assim, os estudos atuais sobre transferência cultural concentram-se principalmente no intercâmbio entre *duas* culturas nacionais¹⁴, reproduzindo assim a ideia de entidades nacionais 'estáticas' e trocas binárias.

A fim de transgredir o foco na função das transferências na única cultura receptora ou em uma estrutura bipolar de duas nações, Werner e Zimmerman desenvolveram o conceito de "histoire croisée", estudando pontos de intersecção onde as culturas se encontram e onde os vários elementos envolvidos podem ser afetados (em diferentes medidas) pela troca (WERNER; ZIMMERMANN, 2003). A "Histoire croisée" enfatiza a reciprocidade das transferências sobre todas as culturas, incluindo a cultura de origem, envolvidas no processo de troca.

2 Para uma abordagem interdisciplinar orientada por agentes e processos

Diante do exposto, faz mais sentido abordar os mediadores culturais de um ponto de vista metodológico e disciplinar plural, levando em conta suas atividades e papéis plurais e as várias maneiras pelas quais essas atividades e papéis interagem e influenciam uns aos outros. Se quisermos traçar uma história cultural transnacional que complemente a investigação das histórias locais e nacionais, precisamos estar conscientes do fato de que os caminhos da história cultural não são nem lineares nem unidirecionais. As histórias

¹³ Ver M. Espagne e M. Werner (1987); C. Charle, J. Schriewer e P. Wagner (1994); W. Cortjaens *et al* (2008). Nos últimos anos, os Estudos de Transferência Cultural também se legitimaram e institucionalizaram através de seminários, conferências etc. Ver TransferS, criado por Michel Espagne na École Normale Supérieure in Paris (<http://www.transfers.ens.fr/article195.html>) ou o fórum History.translational, dirigido por Espagne e Middell (<http://geschichte-transnational.clio-online.net/transnat.asp?pn=about>).

¹³ Ver também a ideia de "histórias conectadas", "histórias compartilhadas", "histórias emaranhadas", por exemplo S. Conrad (2003) e P.-Y., Saunier (2004).

¹⁴ Ver C. Charle, J. Vincent e J. Winter (2007); J. Konst, I. Leemans e B. Noak (2009).

nacionais não seguem regimes monolíngues ou territoriais fixos. Ainda assim, o estudo de mediadores culturais, agrupando uma variedade de papéis que interagem dialeticamente, e desse modo transpassando fronteiras conceituais e disciplinares, nos torna criticamente conscientes do que deveria estar de outra forma evidente. Não faz sentido dividir os campos nem dividir as atividades dos mediadores. Em vez de se preocupar com os produtos finais acabados dentro das fronteiras nacionais e dentro de um único campo, um enfoque analítico sobre os *mediadores* culturais e os *processos* de transferência que eles incorporam torna possível estudar a transferência cultural e a história cultural enquanto se desenvolvem e mudam com o tempo. “Precisamos de histórias que descrevam a mesclagem e o deslocamento de diferentes referências espaciais, narrativas nas quais a ação histórica é enfatizada, e interpretações reconhecendo que os padrões de mudança da espacialização são processos repletos de tensão” (MIDDELL, NAUMANN, 2010, p. 161).

Como os mediadores são ativos nos níveis de produção, circulação, transformação e recepção de produtos culturais, desempenham um papel crucial no processo de representações culturais. Os seus papéis complexos e parcialmente sobrepostos, que transgridem fronteiras linguísticas, artísticas e espaciais, constituem importantes práticas culturais, mas raramente são reconhecidos como tais, nem são estudados amplamente porque transcendem conceitos binários tradicionais de disciplinas como estudos de tradução, estudos de transferência. O estudo dos mediadores culturais e suas atividades de transferência deveriam ser, portanto:

- interdisciplinares e coletivos, reunindo métodos da sociologia da tradução, estudos de tradução descritiva, estudos de transferência cultural, história cultural, estudos literários ... Nesse sentido, os apelos levantados recentemente para considerar a sinergia histórica e conceitual entre transferências (culturais) e tradução (WEISSBROD , 2004; GÖPFERICH, 2007; D’HULST, 2012) constituem um primeiro passo para uma abordagem integrada das transferências culturais em sociedades multilíngues.
- orientados para o processo e para o ator, a fim de descobrir as interseções complexas das quais os produtos culturais são o resultado superficial;
- partir do pressuposto de que as técnicas de transferência têm de ser estudadas em relação umas às outras (D’HULST, 2012) e de que "o debate acadêmico opo

transferências, comparações e cruzamentos resolve-se na pesquisa empírica" (CHARLE, 2010).

No âmbito do projeto de pesquisa '*Customs officers or smugglers? – the mediating role of intercultural actors within Belgium and between Belgium and France (1850-1920)*', financiado pelo Conselho de Pesquisa da Katholieke Universiteit Leuven, estudiosos da tradução, historiadores e estudiosos de literatura estudaram mediadores culturais¹⁵ nas seguintes formas interdisciplinares, combinando diferentes níveis de Análise, com base em visões de Estudos de Tradução, Estudos de Transferência Cultural e História Cultural:

1. Um primeiro nível analisa a sociobiografia dos mediadores para reconstruir suas trajetórias sociais e biográficas¹⁶ e reconstruir seus hábitos interculturais¹⁷. Como eles perceberam e implementaram suas atividades de transferência? Como perceberam e implementaram as suas actividades inter-artísticas e interculturais (abrangendo tanto os produtos discursivos [ver 3] como o trabalho em rede [ver 2])? Como eles perceberam o seu papel na criação de novos quadros de referência e repertórios, e no processo de construção cultural nacional?
2. Um segundo nível mapeia as redes dos mediadores¹⁸ e centra-se nas redes inter-artísticas e interculturais informais e institucionais das quais esses atores participaram. Qual foi o papel de um mediador nessas redes? Como essas redes facilitaram ou controlaram as atividades de transferência do mediador e a construção de repertórios comuns? De acordo com o paradigma da "*histoire croisée*", os indivíduos e suas redes são muitas vezes, de fato, as primeiras manifestações de transferência (ESPAGNE; WERNER, 1987, p. 984), como agentes entram na esfera pública através de atividades

¹⁵ Alfred Stevens, Joseph Stevens, Arthur Stevens, André Van Hasselt, Octave Delepierre, Charles Potvin, Georges Eekhoud, Roger Avermaete, Gaston Pulings, Paul Vanderborght, Camille Melloy, Stijn Streuvels, Cyriel Buysse, André De Ridder, Paul-Gustave Van Hecke, Edmond Vandercammen. Para exemplos de estudos sobre mediadoras, ver D. De Man (2014).

¹⁶ Trajetória descreve as posições sucessivas de um mediador e suas percepções nos vários campos. A trajetória quer ser uma "alternativa ao conceito essencializante da biografia, já que a última pressupõe uma consciência transcendental e estática que condiciona as escolhas e decisões feitas pelos escritores" (Hanna, 2005, p. 188-189).

¹⁷ Ver R. Meylaerts (2010a).

¹⁸ Uma rede é entendida aqui como conjunto(s) complexo(s) de relações entre diferentes atores, grupos ou instituições dentro de um campo cultural ou social. Ver D. De Marneffe, B. Denis (2006).

informais e coletivamente organizadas. Para descrever as relações reais, isto é, empiricamente observáveis, interculturais e inter-artísticas entre atores e entre atores e instituições, as interações dos atores são estudadas indutivamente à medida que elas se desenvolvem. De acordo com Claisse (2006), a análise de rede, nesse sentido particular, é especialmente adequada para a análise de sistemas culturais periféricos, como é o caso no presente ensaio.

3. Um terceiro nível realiza a pesquisa tradutória de um duplo ângulo¹⁹. Primeiro, uma comparação entre os produtos transferidos e suas fontes deve revelar os múltiplos modos de transferência discursiva que são utilizados: tradução, escrita multilingue, autotradução, adaptação, resumo, paródia, plágio, pastiche etc. Essa análise deve dar atenção especial à forma como os textos-fonte e alvo se relacionam entre si, mas também como se modificam mutuamente como resultado desta relação (WERNER; ZIMMERMANN, 2003, p. 12). Especialmente em culturas multilingues, as atividades de transferência formam processos *contínuos*, desenvolvem-se em direções *plurais* e têm *múltiplos* efeitos (WERNER; ZIMMERMANN, 2003, p. 15) que não podem ser hipotetizados pela conceituação dos Estudos de Tradução em termos de texto fonte e alvo. Portanto, o foco nos *atores* e seus *processos* de transferência mostra-se crucial para entender as complexas interseções e técnicas de mediação de que os produtos são apenas o resultado superficial.

Em segundo lugar, uma comparação entre os diferentes modos de transferência discursiva (tradução, adaptação, auto-tradução, resumo, pastiche, paródia ...) em relação uns aos outros. A tradução é apenas um entre muitos modos discursivos de transferência que tomam sentido e forma em relação a todos os outros modos de transferência que os mediadores podem usar. Estudos recentes mostram a este respeito como os mediadores na Europa do século XIX combinavam várias práticas de transferência (tradução, autotradução, retradução, resumo, paródia) mesmo dentro de uma obra (LEERSEN, 2011; INGELBIEN; EELEN, 2012) e como essa combinação foi instrumental para formar uma cultura comum.

¹⁹ Ver L. D'hulst (2010); R. Meylaerts (2010b).

4. Um quarto nível estuda os diferentes modos de transferência não-discursivos (por exemplo, pintura, música, escultura) de uma perspectiva de História Cultural (VERSCHAFFEL, 2006). Essa abordagem permite dar especial atenção às atividades inter-artísticas multiformes dos mediadores: animadores de arte, diretores de galerias de arte, academias de música, organizadores de conferências ..., à relação entre os processos de transferência cultural e a construção de identidades culturais e histórico político-cultural em que esses mediadores idealizam suas práticas. Como essas atividades transgrediram fronteiras linguísticas e espaciais? Como contribuíram para a construção de identidades (inter) nacionais e subnacionais? Novamente, o foco no processo é crucial para descobrir a dinâmica das atividades dos atores (WERNER; ZIMMERMANN, 2006, p. 25).

3 Mediadores belgas no período entre guerras

Em vez de focar em cada mediador separadamente²⁰, vamos dar uma visão sintética sobre alguns aspectos do perfil e do papel dos mediadores durante o período de entreguerras na Bélgica, combinando os insights que resultam de estudos interdisciplinares com base na análise multinível apresentada acima. Ao contrário de muitos estudos sobre transferências culturais entre nações, vamos nos concentrar aqui, principalmente, mas não exclusivamente, no papel dos mediadores culturais no interior da nação jovem, multilíngue e multicultural belga durante o período de entreguerras.

Desde a sua criação em 1830, a Bélgica experimentou dificuldades em abraçar o ideal romântico de um povo, um Estado e uma língua, enquanto ideias divergentes sobre linguagem e identidade circulavam, dando aos mediadores um papel muito importante a desempenhar na vida cultural. Durante o período de entreguerras, esse status problemático constante da nação belga resultou em tensões crescentes entre os dois grupos linguísticos (falantes de holandês e de francês). A Bélgica viu-se em uma "crise existencial", em parte devido ao contexto político e cultural em rápida mutação das décadas de 1920 e 1930. A vitória na Primeira Guerra Mundial alimentou uma onda de patriotismo belga, ao mesmo

²⁰ Para exemplos, seguindo a metodologia descrita acima, ver também T. Lobbes, R. Meylaerts (2015); R. Meylaerts (forth.).

tempo em que o conceito de identidade nacional era desafiado pela emergência de identidades regionais. O país teve de lidar com uma “divisão linguística” cada vez mais forte, consequência dos esforços para emancipar a língua e a cultura flamengas. Os conflitos linguísticos acabaram por dar origem à legislação de 1932, que instituiu duas comunidades monolíngues distintas. O holandês tornou-se a língua oficial de administração e educação na região norte, Flandres, enquanto o francês foi adotado no sul, na Valônia. Bruxelas era bilíngüe. Ao mesmo tempo, o próprio conceito de nacionalismo estava sendo corroído pela existência da nova Liga das Nações, dos movimentos de paz e de outros grupos de vanguarda de orientação internacional (BEYEN, 2011, p. 21-28; WILS, 2009, p. 163-189).

Esses desenvolvimentos parcialmente conflituosos – internacionalismo *versus* nacionalismo e regionalismo – colocaram sob mais pressão a identidade cultural nacional existente. Houve considerável discussão sobre a forma de uma identidade cultural belga em geral e sobre a necessidade de transferências culturais entre as duas comunidades linguísticas em particular (MEYLAERTS, 1998). Os flamengos radicais tendiam a afirmar que a literatura flamenga precisava ser escrita em holandês e eram hostis à escrita e transferência multilíngue. Os mediadores culturais, por outro lado, desempenharam um papel importante na defesa de uma identidade cultural belga nacional, como veremos.

Entre os mediadores culturais importantes na Bélgica durante o entreguerras, estavam Roger Avermaete, Gaston Pulings, Paul Vanderborght, Stijn Streuvels e André De Ridder. Embora todos tenham participado ativamente de redes inter-artísticas, interculturais e multilíngues, observaremos que nem todos agiam com a mesma intensidade no mesmo nível, ou seja, transgredindo o mesmo tipo de fronteiras.

3.1 Perfil dos mediadores e práticas de transferência: um paradoxo?

Comparando aspectos da sociobiografia dos mediadores de entre-guerras, observa-se que a maioria dos mediadores atuando entre o francês e o holandês na Bélgica nasceu em Flandres e era composta por flamengos bilíngües que tinham o holandês como língua materna ou estavam em contato com holandês (e dialetos flamengos) em idade precoce (De Ridder, Avermaete, Streuvels). A elevada posição da língua francesa na vida literária e cultural internacional incentivou os mediadores flamengos a fazerem uso do seu

conhecimento do francês. Os mediadores francófonos, como Vanderborght (1899-1971) e Pulings (1878-1949), eram frequentemente monolíngues, capazes apenas de falar e escrever em francês. No entanto, de maneira a mais fascinante, o monolinguismo de Vanderborght e de Pulings não os impediu de se tornarem dois dos mais importantes mediadores da cultura flamenga²¹. De fato, e talvez surpreendentemente, não parecia haver nenhuma relação direta entre ser um bilíngue (holandês-francês) e ser um mediador. Os bilíngues mais perfeitos não eram necessariamente os mediadores mais ativos, e vice-versa. Os mediadores monolíngues conseguiam desempenhar funções e papéis plurais através de fronteiras linguísticas. O romancista flamengo de grande sucesso, Felix Timmermans, mal falava francês e não era capaz de escrever em francês. Ainda assim, ele podia ler e entender o suficiente para esporadicamente traduzir do francês para o holandês. Também esteve envolvido em redes bilíngues e usou esses contatos para assumir um papel como ilustrador de suas próprias traduções e das de outros colegas para o francês.

Apesar do pouco conhecimento da língua holandesa, Pulings e Vanderborght estiveram entre os mediadores mais importantes durante o período de entreguerras, promotores de autores flamengos, como Wies Moens, Paul van Ostaijen, Herman Teirlinck, e do *Vlaamsche Volkstooneel* [Teatro Popular Flamengo]. Gaston Pulings, nascido em Bruxelas, foi criado e educado inteiramente em francês²². Ele tinha um conhecimento passivo de holandês, em que podia ler e entender a língua, mas era incapaz de escrevê-la ou falá-la em qualquer grau significativo²³. Ainda assim, Pulings manteve uma das maiores redes bilíngues de seu tempo, o que lhe permitiu reunir diversos escritores, pintores (por exemplo, Jakob Smits, Georges Minne, Valerius De Saedeleer) e outros mediadores, como Roger Avermaete, Paul Gustave van Hecke e Pierre Flouquet, de ambas as comunidades linguísticas.

²¹ Evidentemente, mediadores francófonos significativos da Valónia transgrediram as fronteiras nacionais e promoveram redes internacionais e interculturais com, em primeiro lugar, a França e a Alemanha, mas também com geografias mais distantes. Não analisaremos suas sociobiografias, as redes que conseguiram estabelecer ou seus modos de transferência discursivos e não discursivos, mas vamos lembrar alguns de seus nomes: Marcel Remy, Franz Hellens, Robert Goffin e Camille Goemans. Entre as mulheres belgas, Alexandra -David-Néel foi uma escritora belga-francesa, cantora de ópera, filósofa e espiritualista, muito conhecida pelas suas viagens ao Tibete e pela disseminação da religião e da filosofia orientais.

²² Naquela época e até 1930 todas as universidades na Bélgica eram francófonas.

²³ Ver T. Lobbes, R. Meylaerts (2015).

Talvez paradoxalmente à primeira vista, os mediadores monolíngues criaram novas práticas de transferência e novos quadros de referência, promovendo a ideia de uma literatura e cultura belgas "reais" (holandesa e francesa). Pulings, francófono, promoveu, por exemplo, os pintores expressionistas flamengos (Minne, Ensor, Permeke) em *La Nervie* para um público belga francófono, o que ilustra que a transferência não literária é por vezes mais fácil do que a literária, não ligada às difíceis relações linguísticas entre flamengos e francófonos na época. O mais inovador foi a promoção do *Vlaamsche Volkstooneel* [Teatro Popular Flamengo] entre os francófonos. Segundo ele, cenários teatrais, figurinos e gestos criaram quadros de referência comuns nos quais as diferenças linguísticas eram irrelevantes²⁴. Portanto, os francófonos deveriam assistir a apresentações do *Vlaamsche Volkstooneel* mesmo se fossem inteiramente em holandês.

Si la littérature flamande a pénétré si facilement ces dernières années parmi le public français, elle le doit principalement à ses auteurs dramatiques. Pour suivre les écrits des romanciers, des conteurs, des poètes, il faut une connaissance approfondie de la langue, connaissance qui n'est pas nécessaire pour juger une pièce, les décors, le jeu des acteurs aidant à la compréhension. Allez voir des pièces flamandes! (PULINGS, 1929b, p. 26).²⁵

Em vez da tradução, a não tradução e o movimento físico, a mistura de espectadores francófonos com seus compatriotas flamengos estavam entre os processos de transferência inventivos²⁶ que Pulings defendia. Como um monolíngue e contra um cenário de conflitos linguísticos cada vez mais ferozes em que as línguas eram essencializadas e os grupos linguísticos separados, esse era um ponto de vista não convencional e ousado. Além disso, Pulings também promoveu a tradução, embora de forma menos convencional. Seu verdadeiro ideal no teatro belga foi alcançado quando o *Vlaamsche Volkstooneel* encenou

²⁴ Esta ideia de que o teatro flamengo não necessita de qualquer tradução já era comum na virada do século XX e também estava relacionada com o baixo estatuto flamengo e/como expressão artística popular.

²⁵ “If Flemish literature has penetrated so easily the French public, this is mainly due to its playwrights. In order to follow the writings of novelists, storytellers, poets, a profound knowledge of the language is needed, knowledge which is not needed to evaluate a play, the setting and the performance of the actors helping to understand. Go to see Flemish plays!” (traduzido para o inglês por TL) [“Se a literatura flamenga penetrou tão facilmente o público francês, isso se deve principalmente aos seus dramaturgos. A fim de seguir os escritos de romancistas, contadores de histórias, poetas, é necessário um profundo conhecimento da língua, o que não é necessário para avaliar uma peça, o cenário e o desempenho dos atores que ajudam na compreensão. Vá ver peças flamengas!”].

²⁶ Note que transferência tem um sentido muito literal aqui.

obras de Michel de Ghelderode, um dramaturgo francófono cujas peças francófonas não foram apresentadas em francês, mas traduzidas para o holandês e representadas pelo *Vlaamsche Volkstooneel*.

Para Pulings, como promotor da unidade belga, a tradução era uma operação neutra e a língua não era uma característica divisória da literatura belga. Em contraste com a definição tradicional da literatura belga (inspiração flamenga somada à língua francesa) como promulgada pela maioria dos francófonos entre as guerras, para ele a identidade belga podia atingir sua manifestação ideal sem distinção, tanto em holandês como em francês, como a união harmoniosa de elementos germânicos e latinos, resultando em uma individualidade específica. Como resultado, as transferências com as quais Pulings sustentou sua visão foram elas próprias inovadoras e originais.

Para o monolíngue Vanderborght, diretor do grupo *Lanterne Sourde*, visto como uma das mais importantes redes culturais do período de entreguerras, as conferências constituíram a principal plataforma na qual ele estabeleceu a mediação cultural entre os dois grupos linguísticos. Cerca de dez conferências foram organizadas em Bruxelas entre 1925 e 1931, algumas delas sobre a literatura flamenga em geral, outras dedicadas a um autor específico, representante da literatura flamenga moderna como, por exemplo, Van Ostaijen, Moens, Teirlinck, Van de Woestijne. Em maio de 1925, Vanderborght organizou uma manifestação em homenagem ao dramaturgo flamengo Herman Teirlinck. Naquela ocasião, os discursos foram proferidos em francês e em flamengo, sem tradução, como é testemunhado por um contemporâneo,

les deux langues du pays gardant ainsi, l'une et l'autre, leur personnalité et leurs droits propres. Ce procédé, fondé sur la libre association des deux langues et des deux cultures en Belgique, apparaît alors tout nouveau, d'autant plus qu'il a été adopté, en dehors de tout esprit politique, par un groupement où la plupart des écrivains s'expriment en français. Il réussira et sera, maintes fois repris, dans d'autres réunions similaires de "La Lanterne Sourde", qui a contribué ainsi au rapprochement confiant des écrivains belges de langue française et de langue flamande (L'ACTIVITÉ, 1932, p. 5).²⁷

²⁷ “This way, both national languages kept, one and the other, their character and their own rights. This procedure, based on the free associations of the two languages and the two cultures in Belgium, appeared completely new at that moment, all the more since it was adopted, without any political intention, by a group in which most writers expressed themselves in French. It will be successful and will be often repeated in

Da mesma forma, após a morte do poeta flamengo Karel Van de Woestijne, Vanderborcht organizou uma grande manifestação em homenagem ao renomado poeta em 16 de outubro de 1929. O encontro foi presidido por dois notórios escritores, um flamengo (Cyriel Buysse) e um francófono (Hubert Krains). Os discursos foram proferidos em francês (Vanderborcht e Vermeyleen) e flamengo (Teirlinck). Jacqueline De Kesel leu seus poemas tanto na versão flamenga original quanto na tradução francesa. Um crítico contemporâneo concluiu: “*L’œuvre de rapprochement entre les écrivains belges de langue française et de langue flamande, librement entreprise par ‘La Lanterne Sourde’, n’aura pas été vaine*” (L’ACTIVITÉ, 1932, p. 8)²⁸.

Novamente, as manifestações bilíngues foram percebidas como a melhor forma de mediar as relações entre as literaturas flamenga e francófona e apresentá-las como parceiras iguais num contexto de tensões sociolinguísticas crescentes. Não surpreendentemente, todas essas manifestações foram extensa e positivamente registradas na imprensa flamenga (ALFANO; DOMS, 2008, p. 100).

Diferentemente das iniciativas mais conservadoras voltadas principalmente para traduções de prosa flamenga regionalista (MEYLAERTS, 2004), considerada “inferior”, os papéis de Vanderborcht e Puling como mediadores culturais foram parcialmente baseados na não-tradução, um modo de transferência que pressupunha uma audiência bilíngue, a transferência física de pessoas, o que contribuiu para colocar as literaturas e as culturas flamengas e francófonas em pé de igualdade. Certamente, isso foi percebido como uma forma muito inovadora de estabelecer contatos interculturais, o que atesta a passagem em *La Nervie*.

other similar meetings of La Lanterne sourde, which has as such contributed to bring the Francophone and Flemish Belgian writers closer to each other” (traduzido para o inglês por TL) [“Dessa forma, ambas as línguas nacionais mantinham, uma e outra, seu caráter e seus próprios direitos. Esse procedimento, baseado nas livres associações das duas línguas e as duas culturas na Bélgica, pareciam então completamente novo, tanto mais quanto adotado, sem intenção política, por um grupo em que a maioria dos escritores se expressava em francês. Será bem sucedido e será muitas vezes repetido em outras reuniões semelhantes de *La Lanterne sourde*, que como tal contribuiu para aproximar os escritores belgas de língua francesa e de língua flamenga”].

²⁸ “*The work of reconciliation between Francophone Belgian and Flemish writers, freely undertaken by ‘La Lanterne sourde’, will not have been useless*” (traduzido para o inglês por TL) [“O trabalho de reconciliação entre escritores francófonos belgas e flamengos, livremente empreendido por ‘La Lanterne sourde’, não terá sido inútil”].

Roger Avermaete, flamengo bilíngue nascido em Antuérpia, começou como um romancista francófono logo após a Primeira Guerra Mundial e o francês foi sempre a sua principal língua literária. No entanto, ele frequentemente autotraduzia seus trabalhos do francês para o holandês²⁹. Como editor-chefe da revista internacionalista e pacifista de vanguarda *Lumière* (1919-1923), Avermaete traduziu os artigos dos colegas flamengos para o francês. Como ele disse mais tarde em uma entrevista:

Frans van de Wijngaard heeft nooit een letter in het Frans geschreven, maar werkte mee: wij vertaalden hem eenvoudig. Ten andere op dat ogenblik hadden wij met evenveel plezier Chinees uitgegeven. [...] Door de taal zelf speelde ik op groter vlak en kon een internationaal publiek bereiken. (FLORQUIN, 1962, p. 19).³⁰

As (auto)traduções de Avermaete não foram apresentadas como traduções, mas ganharam o status de versões originais e autônomas, nas quais o papel do autor em vez do tradutor foi enfatizado. Elas contribuíram, assim, para o estatuto legítimo e independente da literatura flamenga como parte integrante da literatura belga. Avermaete também escreveu artigos em francês para apoiar o movimento Flamengo e abriu seu periódico para ativistas flamengos como Moens, van den Reeck e Mortier. Assim como foi o caso das atividades de transferência de Pulings e Vanderborght, o ponto de vista subjacente era que o francês e o holandês eram intercambiáveis, a linguagem um meio neutro e a tradução uma operação neutra.

O flamengo bilíngue André De Ridder foi, ainda mais que Avermaete, um homem com uma missão. A partir de 1905, e durante o período de entreguerras em que os conflitos linguísticos aumentavam, ele dedicou a sua carreira literária à promoção da literatura e da arte flamenga, e o fez tanto no flamengo como no francês, para despertar a consciência da cultura flamenga nos círculos francófonos. Assim como Avermaete, defendeu uma visão instrumental da língua, afirmando que a cultura flamenga também poderia ser escrita e expressa em francês. De acordo com De Ridder, uma cultura não era definida

²⁹ *Une épouse modèle* (1923) para o holandês: *Een voorbeeldige vrouw* [uma esposa exemplar] (1924).

³⁰ “*Frans van de Wijngaard has never written one single letter in French, but collaborated: we simply translated him. Actually, at that moment we would have published with as much pleasure in Chinese. Because of the language itself I played on a bigger level and could reach an international audience*” [“Frans van de Wijngaard nunca escreveu uma única letra em francês, mas colaborou: simplesmente o traduzimos. Na verdade, naquele momento teríamos publicado com tanto prazer quanto em chinês. Por causa da língua e si eu joguei em um nível mais alto e pude alcançar uma audiência internacional”].

exclusivamente pela sua língua: autores flamengos escrevendo em francês também faziam parte inteiramente da cultura flamenga. Essa visão claramente sustentou suas próprias práticas de escrita multilingue. Assim, ele discordou fundamentalmente de flamengos mais radicais que alegavam que a literatura flamenga só poderia ser escrita e promovida em flamengo, o que resultou em conflitos diversos entre De Ridder e escritores flamengos.

Em tempos de conflitos linguísticos crescentes, os mediadores francófonos monolíngues foram promotores ferozes de uma unidade nacional belga bilíngue, tentando criar um quadro nacional cultural comum, muitas vezes através de novas práticas de transferência. Eles tentaram superar a incapacidade francófona geral de entender a cultura flamenga, transferindo-a para a comunidade francófona. Nesse sentido, a operação para neutralizar as diferenças de linguagem parece crucial para quase todos os mediadores culturais que analisamos. Como mediadores estabelecendo uma ponte entre dois grupos linguísticos, aparentemente se sentiram obrigados a promover uma visão instrumental da língua e da diferença linguística, a fim de superar as tensões linguísticas. Por outro lado, muitos mediadores culturais flamengos faziam parte do movimento flamengo, promovendo a causa e a cultura flamengas em francês. Novamente, isso os obrigou a neutralizar as diferenças linguísticas. Esses flamengos queriam convencer a elite francófona da necessidade de uma cultura flamenga florescente, muitas vezes – mesmo depois da Primeira Guerra Mundial - no cenário de uma nação belga unida e bilíngue. Como tais, os mediadores culturais foram os últimos que mantiveram firmemente a ideia de unidade nacional na Bélgica. E, naturalmente, e de forma mais oportunista, eles também se beneficiaram dessa unidade nacional bilíngue mantida viva por suas atividades – ‘esse era o seu trabalho’. De um ponto de vista metodológico, especialmente suas atividades de transferência inovadoras são também bons exemplos de como a tradução e a não tradução significam em conjunto, e de como a tradução precisa ser estudada em relação a outros modos de transferência.

3.2 Sobreposição de funções e transferências multidirecionais

Os mediadores belgas do entreguerras combinavam tipicamente diversos papéis interdependentes entre campos. Eles eram negociantes de arte, editores, organizadores de conferências e exposições, escritores, tradutores, auto-tradutores, críticos de arte e

literatura e jornalistas. Embora os mediadores diferissem entre si de acordo com o tipo, o número e a importância relativa de cada função em sua carreira, nenhum deles pode ser reduzido a um único papel.

Como um cronista de artes e teatro, Pulings publicou alguns artigos em holandês sobre Michel de Ghelderode, Fernand Severin, Herman Teirlinck no *Vandaag* (Pulings 1928, Pulings 1929a, c) e no *Den Gulden Winckel* (Pulings, 1930). O status desses artigos permanece obscuro. Embora possamos supor que ele usou um tradutor, não há informações textuais ou para-textuais tornando isso explícito. Ele confirmou a autoria de suas publicações em língua holandesa, dando-lhe o status de um crítico bilíngue, totalmente de acordo com seu ideal de cultura belga composta por duas partes iguais, uma francófona, uma flamenga. Como foi o caso das (auto) traduções de outros mediadores culturais nesse período, elas eram apresentadas como versões originais, e o papel do autor em vez do papel do tradutor era reforçado. Eles contribuíram, assim, para o legítimo estatuto da literatura flamenga como parte integrante da literatura belga. Alguns dos artigos de Pulings em língua holandesa tinham uma contraparte em língua francesa, o que significa que ele filtrou as mesmas mensagens em holandês e francês, criando, dessa maneira, quadros de referência comuns, independentes da escolha linguística. No entanto, ele não produziu muitas transferências discursivas concretas, como traduções ou escrita multilíngue. Isso é em parte causado pelo seu próprio monolinguismo, mas também tem de ser explicado no contexto político-cultural mutável da Bélgica, onde o cruzamento das fronteiras linguísticas se tornou mais complexo devido aos crescentes conflitos linguísticos.

Além de autotradutor, Avermaete era também um escritor bilíngue, que publicou obras separadas, ora em francês, ora em holandês³¹, nos mais diversos gêneros: prosa, poesia, crítica literária e artística, teatro, ensaios literários, artísticos e políticos, cenários para balé, polêmica.... Sem que houvesse uma divisão estrita, a maioria de seus ensaios foi escrita em holandês e a maioria de suas peças de teatro em francês. Como cronista, Avermaete escreveu sobre a literatura flamenga no jornal francófono belga *L'Indépendance*

³¹ A relação entre as duas línguas era de cerca de 25% holandês para 75% francês. Avermaete publicou 12 obras em língua neerlandesa que não aparecem em francês e 14 obras bilíngues, todas pertencentes ao domínio das artes.

Belge (1936-1939), promovendo assim a sua ideia preferida de uma literatura belga³². Essa sobreposição de atividades e de papéis de transferência discursiva interligados era tudo, menos evidente em uma situação cultural de tensões crescentes entre flamengos e francófonos, mas, à semelhança de Pulings, Avermaete queria que ela sustentasse a ideia de uma literatura belga constituída de duas partes equivalentes, mais ou menos independentes, uma flamenga e outra francófona.

Como diretor do grupo *Lanterne sourde*, Vanderborcht manteve importantes redes inter-artísticas. De acordo com o escritor contemporâneo Pierre Daye, Vanderborcht era um animador prodigioso que desempenhou um papel incomparável na literatura belga de seu tempo (L'ACTIVITÉ, 1932, p. 14). *La Lanterne sourde* organizou conferências, recepções, festas e exposições e convidou os mais importantes escritores, pintores e músicos belgas (flamengos e francófonos) e europeus de sua época³³. Também promoveu a *FABER-Faisceau Amical Belgique et Russie*, os *Amitiés Belgo-Égyptiennes*, os *Amitiés Hispano-Belgo-Américaines* e a comissão *Rupert Brooke*.

Para entender completamente a fama de De Ridder como um mediador cultural, é preciso conectar seus papéis como agente literário com seus papéis como animador de arte. Sua perícia em cultura flamenga e mais especificamente em arte expressionista flamenga foi baseada nas posições estratégicas que ocupou e na sobreposição de papéis que assumiu. Em colaboração com Paul-Gustave van Hecke, De Ridder publicou o diário artístico francófono *Sélection*, no qual a arte expressionista flamengo e de vanguarda foi promovida. *Sélection* era também uma galeria de arte em Bruxelas, onde De Ridder organizou várias exposições de arte. Além disso, ele também promoveu estudos sobre pintores expressionistas flamengos quando foi o editor da série *Sélection*. Tanto em suas atividades literárias como em suas atividades como negociante de arte, defendeu a mesma

³² As atividades de transferência intra-belgas de Avermaete tiveram também uma dimensão internacional nas suas crônicas sobre arte e literatura internacionais na belga flamenga *Volksgazet* [Gazeta do Povo] (1931-1938). Ele promoveu ainda mais a literatura e a arte belga em revistas francófonas e flamengas na Bélgica, Holanda, França, Alemanha e Brasil. Contribuiu ativamente para a revista modernista brasileira *Klaxon* (1922-1923), que frequentemente se referia à belga *Lumière*.

³³ Por exemplo, os belgas George Eekhoud, August Vermeylen e Herman Teirlinck; os franceses Jules Romains e Blaise Cendrars; o músico francês Darius Milhaud, o italiano Marinetti, o austríaco Stefan Zweig; o russo Ilya Ehrenburg e os escritores espanhóis e latino americanos Miguel de Unamuno, Ventura Gassol, Francisco Castilla Nájera e Alfonso Reyes. Ver também Sanz Roig & Meylaerts (forth).

visão – em francês – sobre a importância da cultura flamenga no quadro da unidade nacional belga.

Vamos mostrar, a seguir, alguns exemplos da *interação* entre os papéis de transferência *discursiva* e as dimensões *multidirecionais* e às vezes *coletivas* da mediação. O romancista flamengo mais vendido, Stijn Streuvels, encontrou inspiração para seus escritos originais em suas traduções, que chamou exercícios de língua e estilo. Streuvels traduziu escritores francófonos flamengos como Eekhoud e Melloy do francês para o holandês, e Eekhoud e Melloy traduziram Streuvels do holandês para o francês num verdadeiro processo de *traductions croisées* (MEYLAERTS, 2010c; GONNE; MEYLAERTS, 2013). Stijn Streuvels e Georges Eekhoud também se corresponderam (Streuvels usando o holandês e Eekhoud francês) e Streuvels aspirava a usar a extensa rede francófona de Eekhoud (na França e na Bélgica) para se tornar conhecido em francês. Ele propôs os direitos exclusivos de tradução do seu mais famoso romance *De Vlaschaard* a Eekhoud (que Eekhoud recusaria) e ao mesmo tempo traduziu os contos de Eekhoud '*Le Coq Rouge*' [O galo vermelho] e '*La petite servante*' [A pequena criada] para o holandês³⁴. Em troca, Eekhoud promoveria extensivamente o trabalho de Streuvels e traduziria um dos contos de Streuvels '*Naar Buiten*' ('*La Journée des marchands de sable*', 1910) na revista parisiense *Le Mercure de France*.

Esta combinação de autoria e tradução, de ir e vir entre as duas línguas que compõem a cultura belga bilingue, levanta novamente a questão da auto-tradução. Em termos de capacidade de linguagem, Eekhoud e Melloy eram bilíngues o bastante para se autotraduzirem, em vez de usar, por exemplo, Streuvels como seu tradutor. Enquanto Melloy apenas autotraduziria alguns dos seus romances infantis no final de sua carreira, Eekhoud começou muito mais cedo, mas usou o pseudônimo de Gabriel d'Étrange para autotraduções de seus romances populares em série. Ele nunca auto-traduziu seus prestigiosos romances parisienses. A auto-tradução como praticada por Avermaete parecia ser bastante incomum. Em outras palavras, os mediadores bilíngues muito esporadicamente utilizavam a autotradução como um modo de transferência. Aqueles que o fizeram, muitas vezes o esconderam, contribuindo assim para o estatuto das literaturas flamenga e

³⁴ Publicados respectivamente em *Groot Nederland* e *De Nieuwe Gids*.

francófona como partes independentes e integrantes da literatura belga. Em sua correspondência privada, Streuvels se referia explicitamente à tradução e à escrita como duas práticas que se sobrepunham: ao traduzir Eekhoud, sentia como se fosse seu próprio trabalho. “*Ik heb uw Coq Rouge met zeer veel genoegen vertaald: dat was mij eene vreugde. Doende bezigheid, ik voelde het alsof het werk van mijn eigen was*”³⁵ (STREUVELS, 1904).

Os papéis de autor e tradutor se sobrepunham não só na autopercepção de Streuvels, mas também em relação à sua imagem pública. Mais de uma vez, Streuvels foi apresentado como o autor na capa de um volume do qual, na realidade, ele era apenas o tradutor. Esse foi, por exemplo, o caso das suas traduções para o neerlandês de *Gens de mer et pêche maritime* (1934) de Pieter Frederik Marie de Pauw e *Cinq Contes de Noël* de Melloy. Visto que Streuvels era um romancista best-seller em Flandres, esse foi talvez o argumento de venda usado pelos editores.

Conclusão

Esse ensaio teve como objetivo ilustrar o potencial do estudo de mediadores como figuras-chave da história literária e cultural. O que liga os mediadores é que muitas vezes realizavam atividades “nos bastidores” que não resultavam em produtos canonizados (literários, artísticos). Mais ainda, muitos mediadores importantes estão agora esquecidos e pertencem à “parte oculta do iceberg”. Eles mexeram os pauzinhos nos “bastidores” da vida cultural, organizando exposições, publicações, peças de teatro, traduções. Eles não eram famosos por causa de sua produção existente, mas por causa de seus papéis de transferência complexos que, frequentemente, perdemos de vista.

A investigação sobre mediadores culturais tem o potencial de oferecer uma visão sobre o impacto (crescente) da transferência cultural na vida cultural (“multilíngua nacional”), sobre a constelação variável de mediação cultural (de mediadores bilíngues para mediadores mais monolíngues) e sobre a relação entre (muitas vezes mais bem-

³⁵ “*I have translated your Coq Rouge with great satisfaction: that was a pleasure for me. While translating, I felt as if it was work of my own*” (traduzido por RM) [“Eu traduzi seu Coq Rouge com grande satisfação: foi um prazer pra mim. Enquanto traduzia, sentia como se fosse um dos meus próprios trabalhos”.]

sucedidas) transferências artísticas e (um tanto falhas) transferências literárias, que podem ser extrapoladas para pesquisas em outros contextos multilingues. Os mediadores culturais destacam os *laços* e ajudam a superar a ideia simplificada de culturas distintas, uma doadora e a outra, recebedora. A ênfase nas relações, interações e circulação vai além da análise do contato em si para incluir também as consequências: ex. como as *práticas* adquirem novos significados no processo de transferência (WERNER; ZIMMERMANN, 2006). Essa abordagem relacional ajuda a ampliar e reduzir o foco nos grupos de agentes e suas partes interessadas e enfoca as interações entre pequenas zonas literárias ou tradutórias e suas contrapartes maiores.

A análise dos mediadores culturais visa também a romper com a ideia de centros inovadores e de periferias imitativas. As transferências e os intercâmbios superam entidades nacionais e acontecem não apenas do centro para as periferias, mas também no sentido inverso e através de outras rotas: periferia a periferia, intranacional etc. Os mediadores só podem ser entendidos em relação ao seu envolvimento em grandes redes humanas e suas competências interdisciplinares dentro de configurações culturais heterogêneas. Um estudo orientado a processos e atores permite descobrir os cruzamentos complexos dos quais os produtos culturais são o resultado superficial. Os mediadores culturais desempenham funções de transferência estratégica, criam novas práticas e instituições de mediação e, portanto, são os verdadeiros arquitetos de repertórios comuns e de quadros de referenciais que compõem a história cultural.

Essa visão geral também mostra que a tradução toma sentido dentro de um conjunto complexo de técnicas de transferência, tais como escrita multilingue, papéis artísticos e institucionais de mediação e deveria ser entendida e analisada em relação a eles. A tradução, bem como a não-tradução, são objetos de pesquisa igualmente importantes para entender processos de transferência cultural dentro de culturas multilíngues. É, além disso, a relação complexa entre as diferentes formas de transferência que nos leva a repensar a natureza das relações entre culturas. Formas complexas de transferência emergem dentro de culturas multilingues, de relações de proximidade em vez de distância, de zonas de contato em vez de isolamento,³⁶ e tendem a reconfigurar culturas nacionais.

³⁶ Ver S. Simon (2006).

A pesquisa sobre mediadores culturais também oferece algumas percepções teóricas e metodológicas. Se quisermos chegar a uma compreensão detalhada e profunda das relações interculturais e seu impacto na história literária e cultural, precisamos estudar toda a gama de atividades de transferência oficiais, semioficiais e ocultas. Essas atividades de transferência são, além disso, tão complexas e tão enredadas que corremos o risco de cegueira conceitual e metodológica se nos ativermos aos conceitos e métodos tradicionais dos estudos de tradução, transferência e literários. Devemos antes tomar como ponto de partida os mediadores culturais que incorporam os papéis de transferência sobrepostos e processos complexos de transferência e estudá-los de um ponto de vista interdisciplinar e coletivo, orientado aos processos e aos atores. Estudar mediadores culturais contribuiria então para problematizar as distinções fixas entre os conceitos-chave e os papéis (como autor, tradutor, auto-tradutor, crítico, animador de arte, organizador da conferência, editor ...): suas definições e funções divergentes são parcialmente baseadas em subdivisões disciplinares artificiais. Contribuiria também para problematizar as distinções fixas entre os campos culturais (literatura, tradução, arte, ...) e entre a tradução e outras atividades de transferência (complementares, envolventes, concorrentes ...).

REFERÊNCIAS

ALFANO, M.; DOMS, A.; **La Lanterne sourde 1921 - 1931: une aventure culturelle internationale**. Bruxelles: Racine, 2008.

ANGELELLI, C. V. **The sociological turn in translation and interpreting studies**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012.

BEARELLE, S. La comtesse Marie-Henriette de Lalaing (1787-1866): portrait d'une des premières médiatrices culturelles belges. **Textyles – Revue des Lettres Belges de Langue Française**, n. 45, p. 17-28, 2014.

BERG, C.; HALEN, P.; ANGELET, Ch. **Littératures belges de langue française (1830-2000) : histoire et perspectives**. Bruxelles: Le Cri, 2000.

BEYEN, M. Tragically modern: centrifugal sub-nationalisms in Belgium, 1830-2009'. In M. Huyseune (Org.). **Handelingen van het Contactforum 'Contemporary Regionalism: Comparing Flanders and Northern Italy**. Brussel: KVAWK, 2011. p. 17-28.

BREMS, E. A case of "cultural castration"? Paul de Man's translation of De Soldaat Johan by Filip de Pillecyn. **Target**, vol. 22, n. 2, p. 212-236, 2010.

BROOMANS, P. Martha Muusses en de drie M's. Over de studie naar cultuurbemiddeling. In: _____; VAN VOORST, S.; LINN, S. I.; VOGEL, M.; BAY, A.; **Object**: Nederlandse literatuur in het buitenland. Methode: onbekend. Vormen van onderzoek naar de receptie van literatuur uit het Nederlandse taalgebied. Groningen: Barkhuis Publishing, 2006. p. 56-70.

BUZELIN, H. Unexpected allies: how Latour's network theory could complement bourdieusian analyses in Translation Studies. **The Translator**, vol. 11, n. 2, p. 193-218, (2005).

_____; FOLARON, D. (Orgs.). La traduction et les études de réseaux. **Special Issue of Meta**, vol. 52, n. 4, 2007.

CHARLE, C.; SCHRIEWER, J.; WAGNER, P. (Orgs.). **Transnational Intellectual Networks**: Forms of Academic Knowledge and the Search for Cultural Identities. Frankfurt am Main: Campus, 1994.

CHARLE, C.; VINCENT, J.; WINTER, J. (Orgs.). **Anglo-French Attitudes**: Comparisons and Transfers between English and French Intellectuals since the Eighteenth Century. Manchester: Manchester University Press, 2007.

CHARLE, C. Comparaisons et transferts en histoire culturelle de l'Europe. Quelques réflexions à propos de recherches récentes. **Les cahiers Irice**, vol. 5, n. 1, p. 51-73, 2010.

CHESTERMAN, A. Questions in the sociology of translation. In: Ferreira Duarte J.; ASSIS ROSA, A.; SERUYA, T. **Translation Studies at the interface of disciplines**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006. p. 9-27.

CHUNG, Y. Translators as social agents: translated fantasy books in Taiwan. **New Voices in Translation Studies**, vol. 5, 2009.

CLAISSE, F. De quelques avatars de la notion de réseau en sociologie. In: DE MARNEFFE, D.; DENIS, B. (Orgs.). **Les réseaux littéraires**. Bruxelles: Le Cri, 2006. p. 21-43.

CORTJAENS, W.; DE MAEYER, J.; VERSCHAFFEL, T. (Orgs.). **Historism and cultural identity in the Rhine-Meuse region**. Leuven: Leuven University Press, 2008.

CONRAD, S. Entangled Memories: Versions of the Past in Germany and Japan, 1945-2001. **Journal of Contemporary History**, vol. 38, n. 1, p. 85-99, 2003.

DE MAN, D. Mothers of the Matrix. Intercultural Transfer Activities of Henriette Roland Holst and Marie Elisabeth Belpaire. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**, vol. 92, n. 4, p. 1359-1377, 2014.

DE MARNEFFE, D.; DENIS, B. (Orgs.). **Les Réseaux littéraires**. Bruxelles: Le Cri, 2006.

DENIS, B., KLINKENBERG, J.-M. **La littérature belge**: précis d'histoire sociale. Bruxelles: Labor, 2005.

DE VRIES, A. **Cultural Mediators: Artists and Writers at the Crossroads of Tradition, Innovation and Reception in the Low Countries and Italy, 1450-1650.** Leuven: Peeters, 2008.

DOZO, B.-O. **La vie littéraire à la toise: Études quantitatives des professions et des sociabilités des écrivains francophones (1918-1940).** Bruxelles: Le Cri, 2010.

_____. Traduction et transfert: pour une démarche intégrée. **TTR Traduction, Terminologie, Rédaction**, vol. 22, p. 133-150, 2010.

_____. (Re)locating translation history: from assumed translation to assumed transfer. **Translation Studies**, vol. 5, n. 2, p. 139-155, 2012.

_____. Forms and functions of anthologies of translations into French in the nineteenth century. In: D'HULST, L.; ASSIS ROSA, A.; SERUYA, T.; LIN M. (Orgs.). **Translation in anthologies and collections.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2013. p. 17-34;

_____.; GONNE, M.; LOBBES, T.; MEYLAERTS R.; VERSCHAFFEL, T. Towards a multipolar model of cultural mediators within multicultural spaces. Cultural mediators in Belgium, 1830-1945. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**, vol. 92, n. 4, p. 1255-1275, 2014.

ENGLISH, J. Everywhere and Nowhere: The Sociology of Literature After “the Sociology of Literature”. **New Literary History**, vol. 41, n. 2, p. v-xxiii, 2010.

ESPAGNE, M.; WERNER, M. La construction d'une référence culturelle allemande en France: Genèse et histoire (1750-1914). **Annales**, 4, p. 969-992, 1987.

_____.; MIDDELL, M. **Von der Elbe bis an die Seine.** Kulturtransfer zwischen Sachsen und Frankreich im 18. und 19. Jahrhundert, Leipzig: Leipziger Universitätsverlag, 1999.

EVEN-ZOHAR, I. Polysystem Theory (Revised). In _____. **Papers in Culture Research.** Tel Aviv: Porter Chair of Semiotics, 2005. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/papers/ps-revised.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2017.

FLORQUIN, J. **Ten Huize Van ...** Roger Avermaete. Brugge/Leuven: Orion/Davidsfonds, 1962.

GONNE, M.; MEYLAERTS, R. Fransch kleed uittrekken en vlaamsch pak aanpassen: Stijn Streuvels vertaalt uit het Frans. **Streuvels Jaarboek**, vol. 19, p. 95-118, 2013.

_____.; VANDEMEULEBROUCKE, K. Deux générations de médiateurs : Portraits de Charles Potvin (1818-1902) et de Georges Eekhoud (1854-1927). **Textyles – Revue des Lettres Belges de Langue Française**, vol. 45, p. 29-46, 2014.

_____. **Mon hard Labour à moi:** Traduction ou recyclage culturel? Les activités médiatrices de Georges Eekhoud au tournant du XXe siècle. 2015. Tese de doutorado, Faculdade de Letras, KU Leuven University, Bélgica, 2015a.

GONNE, M. Recyclages, croisements et transferts dans l'œuvre de Georges Eekhoud. **Revue d'Histoire Littéraire de la France**, vol. 115, n. 2, p. 391-407, 2015b.

GÖPFERICH, S. Translation Studies and Transfer Studies. IN GAMBIER, Y.; SHLESINGER, M; STOLZE, R. (Orgs.). **Doubts and Directions in Translation Studies**. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 27-39.

GOUANVIC, J.-M. **Sociologie de la traduction**: la science-fiction américaine dans l'espace culturel français des années 1950. Arras: Artois Presses Université, 1999.

_____. Bourdieusian theory of translation, or the coincidence of practical instances: field, "habitus", capital and "illusio". **The Translator**, vol. 11, n. 2, p. 147-166, 2005.

HANNA, S.-F. Hamlet Lives Happily Ever After in Arabic. The Genesis of the Field of Drama Translation in Egypt. **The Translator**, vol. 11, n. 2, p. 157-192, 2005.

INGELBIEN, R.; EELEN, V. Literaire bemiddelaars in bewogen tijden: Thomas Colley Grattan, zijn bronnen en vertalers in de (ex-)Nederlanden, 1828-1840. **Tijdschrift voor Nederlandse Taal- en Letterkunde**, n. 128, p. 239-254, 2012.

INGHILLERI, M. Bourdieu and the sociology of translation and interpreting Manchester. **Special Issue of The Translator**, vol. 11, n. 2, 2005.

KATAN, D. Intercultural mediation. In GAMBIER Y.; VAN DOORSLAER L. (Orgs.). **Handbook of Translation Studies**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 2013. p. 84-91

KONST, J.; LEEMANS, I. Noak, B. (Orgs.). **Niederländische-Deutsche Literaturbeziehungen 1600-1830**. Berlin: Ruprecht Verlag, 2009.

L'ACTIVITÉ de la Lanterne sourde. **La Nervie**, La Louvière, 1932.

LEERSSSEN, J. Viral Nationalism : Romantic intellectuals on the move in 19th-century Europe. **Nations and nationalism**, vol. 17, n. 2, p. 257-271, 2011.

_____. Networks and Patchworks: Communication, Identities, Mediators. **Revue Belge de Philologie et d'Histoire**, vol. 92, n. 4, p. 1395-1403, 2014.

LOBBES, T.; MEYLAERTS, R. Cultural Mediators and the Circulation of Cultural Identities in Interwar Bilingual Belgium. The case of Gaston Pulings (1885-1941). **Orbis Litterarum**, vol. 70, n. 5, p. 405-436, 2015.

MEYLAERTS, R. La construction d'une identité littéraire dans la Belgique de l'entre-deux-guerres. **Textyles – Revue des Lettres Belges de Langue Française**, vol. 15, p. 17-32, 1998.

_____. Translators and (their) norms: towards a sociological construction of the individual. In: PYM, A.; SHLESINGER, M.; SIMEONI, D. (Orgs.). **Beyond Descriptive Translation Studies: investigations in homage to Gideon Toury**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008. p. 91-102.

MEYLAERTS, R. Habitus and Self-Image of Native Literary Authors-Translators in Diglossic Societies. **Translation and Interpreting Studies**, vol. 5, n. 1, p. 1-19, 2010a.

_____. Au-delà des oppositions binaires national/international, traduit/non traduit: les relations littéraires hier, aujourd'hui et demain. **TTR Traduction, Terminologie, Rédaction**, vol. 22, n. 2, p. 93-117, 2010b.

_____. Stijn Streuvels en Camille Melloy: schrijven en vertalen in België. **Zacht Lawijd**, vol. 10, n. 2, p. 49-69, 2010c.

_____. GONNE, M. Transferring the city – Transgressing borders. Translation, bilingual writing and selftranslation in Antwerp (1850-1930). **Translation Studies**, vol. 7, n. 2, p. 133-151, 2014.

_____. The Multiple Lives of Translators. **TTR Traduction, Terminologie, Rédaction**, vol. 26, n. 2, p. 103-128, jul.-dez. 2013.

MIDDELL, M.; NAUMANN, K. Global history and the spatial turn: from the impact of area studies to the study of critical junctures of globalization. **Global history and the spatial turn: from the impact of area studies to the study of critical junctures of globalization**, vol. 5, n. 1, p. 149-170, 2010.

PULINGS, G. Michel de Ghelderode. **Vandaag**, n. 5, p. 104-105, 15 abr. 1928.

_____, G. Fernand Severin. **Vandaag**, n. 9, p. 211-212, 15 jun. 1929a.

_____, G. Herman Teirlinck. **La Scène Catholique**, n. 2, p. 25-27, 1929b.

_____, G. Terug in Nederland. **Den Gulden Winckel**, n. 29, p. 57-58, 1930.

PYM, A. **Method in translation history**. Manchester: St. Jerome, 1998.

SAPIRO, G. Réseaux, institution(s) et champ. DE MARNEFFE, D.; DENIS B. **Les Réseaux littéraires**. Bruxelles: Le Cri, 2006. p. 44-59.

SAUNIER, P.-Y. Circulations, connexions et espaces transnationaux. **Genèses**, vol. 57, n. 4, p. 110-126, 2004.

SELA-SHEFFY, R. The suspended potential of culture research in TS. **Target**, vol. 12, n. 3, p. 345-355, 2000.

_____, R.. How to be a (recognized) translator: rethinking habitus, norms, and the field of translation. **Target**, vol. 17, n. 1, p. 1-26, 2005.

_____, R.; SHLESINGER, M. **Identity and Status in the Translational Professions**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011.

SIMEONI, D. The pivotal status of the translator's habitus. **Target**, vol. 10, n. 1, p. 1-39, 1998.

SIMON, S. **Translating Montreal**: Episodes in the Life of a Divided City. Montreal: McGill-Queens University Press, 2006.

STREUVELS, S. [**Correspondência**], 8 jun. 1904, [para] EEKHOUD, G. Carta não publicada conservada nos Arquivos e Museu da Literatura de Bruxelas.

TAFT, R. The Role and Personality of the Mediator. In: BOCHNER S. (Org.). **The Mediating Person**: Bridges between Cultures. Cambridge: Schenkman, 1981. p. 53-88.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies – and beyond**: revised edition. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 2012.

VAN DOORSLAER, L. Source-nation- or source-language-based censorship? The (non-) translation of serial stories in Flemish newspapers (1844-1899). In: WOLF, M.; VAN DOORSLAER, L.; MERKLE, D.; O'SULLIVAN, C. (Orgs.). **The power of the pen**: translation and censorship in nineteenth-century Europe. Münster: LIT Verlag, 2010. p. 55-76.

VAN KALMTHOUT, T.; Réthelyi, O.; Sleiderink, R.. **Beatrijs de wereld in**: vertalingen en bewerkingen van het Middelnederlandse verhaal. Gent: Academie, 2013

VERBRUGGEN, C. **Schrijverschap tijdens de Belgische belle époque**: Een sociaal-culturele geschiedenis. Gent-Nijmegen: Academia Press-Vantilt, 2009.

VERSCHAFFEL, T. Par les yeux parler à l'intelligence: the visualization of the past in nineteenth-century Belgium. In: M. Wintle (Org.). **Image into identity: constructing and assigning identity in a culture of modernity**. Amsterdam: Rodopi, 2006. p. 131-143.

VORDEROBERMEIER, G.; WOLF, M. (Orgs.). **Meine Sprache grenzt mich ab...** Transkulturalität und kulturelle Übersetzung im Kontext von Migration. Wien/Berlin: LIT, 2000.

_____, G. (Org.). **Remapping habitus in Translation Studies**. Amsterdam: Rodopi, 2014.

WEISSBROD, R. From translation to transfer. **Across Languages and Cultures**, vol. 5, n. 1, p. 23-41, 2004.

WERNER, M.; ZIMMERMANN, B. Penser l'histoire croisée: entre empirie et réflexivité. **Annales. Histoire, Sciences Sociales**, vol. 58, n. 1, p. 7-36, 2003.

WERNER, M.; ZIMMERMANN, B. Beyond Comparison: Histoire Croisée and the Challenge of Reflexivity. **History and Theory**, vol. 45, n. 1, p. 30-50, 2006.

WILS, L. **Van de Belgische naar de Vlaamse natie**: een geschiedenis van de Vlaamse beweging. Leuven: Acco, 2009.

WOLF, M.; FUKKARI, A. (Orgs.). **Constructing a sociology of translation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007.

**CULTURAL MEDIATORS IN CULTURAL HISTORY: WHAT DO WE LEARN
FROM STUDYING MEDIATORS' COMPLEX TRANSFER ACTIVITIES IN
INTERWAR BELGIUM?**

Abstract: This article approaches cultural mediators during the interwar period in Belgium from a plural methodological and disciplinary viewpoint, taking into account their plural activities and roles and the various ways in which these activities and roles interact and influence each other. If we want to trace a transnational cultural history that complements the investigation of local and national histories we need to be aware of the fact that paths of cultural history are neither linear nor unidirectional. Research on cultural mediators has the potential to offer insights on the (evolving) impact of cultural transfer on (multilingual 'national') cultural life, on the variable constellation of cultural mediatorship (from bilingual to more monolingual mediators) and on the relation between (often more successful) artistic transfers and (rather failing) literary transfers, which can be extrapolated to research on other multilingual contexts. Cultural mediators highlight ties and help overcome the simplified idea of a distinct giving and receiving culture. The emphasis on relationships, interactions, and circulation goes beyond the analysis of actual contact to include the consequences as well: e.g. how practices acquire new meanings in the transfer process. This relational approach helps zoom in and out on groups of agents and their related stakeholders and focuses on interactions between small literary or translation zones in relation to their larger counterparts.

Keywords: Translators. Cultural mediators. Cultural interactions. Multilingual contexts.